

**Tradições, rituais e memórias alimentares:**

a identidade bicultural de filhos de imigrantes poloneses no Brasil  
em contexto não diaspórico

***Traditions, rituals, and food memories:***

*the bicultural identity in children of Polish immigrants in Brazil  
in a non-diasporic context*

**Victor Ridel Juzwiak<sup>1</sup>**  
**Teresa Ridel Juzwiak<sup>2</sup>**  
**Claudia Ridel Juzwiak<sup>3</sup>**

**RESUMO:** A cultura do país de origem de pais migrantes traz elementos importantes na construção da identidade de filhos nascidos no país de acolhimento. Este estudo objetivou compreender quais elementos da cultura polonesa e da brasileira foram transmitidos e como influenciaram a construção da identidade de três filhos (segunda geração) de uma família polonesa estabelecida no Brasil, a partir das narrativas da trajetória migratória familiar, da vida e das práticas alimentares pessoais e familiares. A partir da análise de conteúdo, foram identificados três núcleos temáticos, que apontam dois elementos como principais marcadores da identidade polonesa: o idioma e a alimentação. No dia a dia, a comida característica do cotidiano brasileiro foi adotada, porém a comida polonesa é protagonista nas datas especiais, caracterizando tradições étnicas, religiosas e familiares. Ainda que as receitas tenham sido modificadas, os rituais que cercam sua preparação, seu consumo e sua

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Contato: v.juzwiak@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Humano com Especialização em Migrações pela Maastricht University e Universidade das Nações Unidas (UNU-Merit), bacharel em Ciências Políticas e da Administração pela Universidade Pompeu Fabra, Espanha. Contato: teressa.juzwiak@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em Ciências aplicadas à Pediatria pela Universidade Federal de São Paulo, nutricionista. Contato: claudia.juzwiak@unifesp.br.

convivialidade se mantêm, e é quando a identidade polonesa se manifesta. Cada filho demonstra graus e formas diferentes de manutenção dessas “tradições” familiares. Outras referências culturais, suas trajetórias pessoais e redes sociais de apoio agregam novas práticas alimentares, embora o sentimento de duplo pertencimento ainda se mantenha na segunda geração. Este estudo permite compreender como a cultura alimentar contribui para a construção identitária e da trajetória alimentar de indivíduos expostos a diferentes culturas.

**Palavras-chave:** migração; biculturalismo; identidade; práticas alimentares.

**ABSTRACT:** The culture of the country of origin of migrant parents brings important elements for the construction of the identity of children born in the host country. This study aimed to understand which elements of Polish and Brazilian cultures were transmitted and how they influenced the construction of the identity of three children (second generation) of a Polish family established in Brazil, based on narratives of the family’s migratory trajectory, life and eating practices. Based on the content analysis, three thematic groups were identified, which pointed to two elements as the main markers of Polish identity: language and food. In everyday life, the daily characteristic Brazilian food was adopted, but Polish food is the protagonist on special dates, featuring ethnic, religious, and family traditions. Although the recipes have been modified, the rituals surrounding their preparation, consumption and conviviality are maintained and this is when Polish identity is manifested. Each child demonstrates different degrees and ways of maintaining these family “traditions”. Other cultural references, their personal trajectories and social support networks added new eating practices, although the feeling of double belonging remains in the second generation. This study allows us to understand how food culture contributes to the identity construction and food trajectory of individuals exposed to different cultures.

**Keywords:** migration; biculturalism; identity; eating practices.

*Recebido em 11 de março de 2020; aprovado em 09 de junho de 2020.*

## 1. Introdução

A história do Brasil é fortemente marcada por processos migratórios. Desde a chegada de colonizadores portugueses e africanos escravizados, até movimentos internos e às mais recentes ondas migratórias de refugiados, o Brasil sempre foi palco de intensos deslocamentos demográficos (JUZWIAK, 2014, p. 5).

A alimentação é um importante aspecto cultural que envolve a vida dos imigrantes. Pais imigrantes e filhos nascidos no país de acolhimento têm suas identidades construídas a partir de universos culturais distintos; no entanto, as referências culturais do país de origem dos pais, dentre elas, as alimentares, podem constituir elementos importantes na construção dessa identidade (DAURE; REVEYRAND-COULOUN, 2009, p. 425).

A comida não é transmitida de maneira inalterada de uma geração à outra, mas, sim, representa uma construção histórica, adaptada com base nas relações entre grupos sociais, além de outros fatores, como, por exemplo, a disponibilidade de alimentos. Assim, nesse processo, pode ocorrer uma ressignificação dos alimentos como forma de identidade na primeira geração, e novas maneiras de comer podem surgir nas gerações subsequentes (CUCHE, 1999; CURTIS; ALLISON; ELLIS, 2009; DAURE; REVEYRAND-COULON, 2009).

### 1.1. Migração polonesa no Brasil

Dados dos censos realizados entre 1872 e 1972 demonstram o impacto da imigração na evolução da população brasileira, sendo que as principais migrações vieram de Portugal, Espanha, Alemanha, Japão, Turquia-Ásia, Uruguai e Polônia (LEVY, 1974, p. 53-54). A migração polonesa pode ser compreendida em três momentos. O primeiro momento, iniciado durante a segunda metade do século XIX, insere-se no período conhecido como a “febre brasileira”, entre 1890 e 1905, que trouxe ao país migrantes de diversas nacionalidades, incluindo os poloneses, que se estabeleceram principalmente nos estados do sul do país (MALCZEWSKI, 2016). Teleginski (2016) aponta que:

A “imigração polonesa” foi significativa no Brasil, inclusive numericamente, mas do ponto de vista historiográfico é vista como uma “imigração oculta”, uma vez que o volume de estudos realizados sobre

grupos étnicos que chegaram no mesmo período como alemães e italianos é superior aos estudos abordando os poloneses. (TELEGINSKI, 2016, p. 94)

Esse fenômeno é amplificado ao se considerar que, durante as migrações polonesas para o Brasil no século XIX, a Polônia estava repartida, o que significou que muitos poloneses portavam passaportes e documentos de outras nacionalidades, como alemã, russa ou prussiana (DVORAK, 2013, p. 3-5).

O segundo momento da migração polonesa ao Brasil é marcado pelo fim da Primeira Guerra Mundial. Majoritariamente de origem judia ou portando documentos de nacionalidade ucraniana, esses migrantes vieram em busca de trabalho, algo que durou até os anos 1930, quando o Governo Vargas, por razões políticas e econômicas, impôs restrições às imigrações. O terceiro momento ocorreu durante e após a Segunda Guerra Mundial, quando muito migrantes poloneses se refugiaram no Brasil (MALCZEWSKI, 2016).

As três ondas migratórias coincidiram com períodos em que a Polônia passava por grande agitação política, resultando em um ambiente de incertezas, que levou as pessoas a buscarem melhores condições de vida em outros países (DVORAK, 2013; MALCZEWSKI, 2016). Em todos os períodos de migração houve um forte senso de nacionalismo, reflexo de suas terras divididas, e “o sentimento nacional se fundiu com o sentimento religioso, uma vez que o catolicismo polonês é definido como ‘uma igreja de expressão étnica’” (TELEGINSKI, 2016, p. 92).

As diferenças sociais, culturais e históricas entre o país de origem e o país de destino são fundamentais para compreender como a língua e cultura são mantidas e praticadas pelos migrantes. Dessa forma, cada onda migratória tem suas características específicas (WILLIAMS, 2015, p. 4).

Estudos sobre a diáspora polonesa, não só no Brasil, mas também em outros países, têm demonstrado que a alimentação é um importante componente da identidade dos imigrantes e das gerações subsequentes (BIELEWSKA, 2011; JANOWSKI, 2013; ALDER, 2015; TELEGINSKI, 2016). A manutenção de tradições e receitas são fundamentais nesse processo, ainda que estas sofram diversas modificações a partir da necessidade de adaptação a ingredientes novos.

## 1.2. Biculturalismo e identidade

A sociedade contemporânea mostra-se cada vez mais globalizada, possibilitando que os sujeitos tenham contatos com diferentes culturas e realidades. Esse fenômeno de contato, trocas e internalização com diferentes culturas pode ser compreendido como multiculturalismo e biculturalismo (BENET-MARTÍNEZ; HARITATOS, 2005, p. 1016). Ambos os conceitos são fundamentais para o campo da psicologia e dos estudos sociais. Nesta perspectiva, o multiculturalismo, apesar de suas diferentes vertentes, é comumente utilizado em pesquisas que buscam estabelecer as relações e os conflitos identitários dos sujeitos com as identidades da comunidade, nacionais e étnico-raciais. No entanto, muitas vezes esses conflitos não ocorrem apenas com outros grupos, mas também internamente, isto é, dentro de si. Dessa forma, o biculturalismo permite uma compressão das tensões e dos conflitos de valores culturais, atitudes e expectativas a partir do interior de cada sujeito e suas experiências (BENET-MARTÍNEZ; HARITATOS, 2005, p. 1017).

O biculturalismo é um fenômeno identitário que pode ser observado em migrantes, refugiados, indígenas, entre outros. Segundo Huynh, Nguyen e Benet-Martínez (2011, p. 828), indivíduos biculturais são aqueles que foram expostos a uma cultura ou mais e a(s) internalizaram. Grosjean (2015, p. 575) atribui aos indivíduos biculturais a presença de pelo menos três características: a) vivenciar em diferentes graus a vida de duas ou mais culturas; b) adaptar, pelo menos em parte, suas atitudes, valores, língua etc. a essas culturas; e c) combinar ou misturar os aspectos culturais envolvidos.

A literatura tem produzido um extenso debate sobre as diferentes formas como os indivíduos biculturais manifestam e vivenciam suas identidades (HUYNH; NGUYEN; BENET-MARTÍNEZ, 2011; CHENG; LEE, 2013). Os estudos tradicionais da psicologia cultural propunham compreender as diferentes formas de aculturação (integração, assimilação, separação e marginalização). Atualmente novos estudos têm buscado entender de que forma os indivíduos integram as culturas às quais foram expostas as suas identidades. Esses estudos têm demonstrado que essas relações não são construídas de forma homogênea entre os indivíduos, indicando que podem apresentar competências diferentes em suas culturas, assim como a maneira como se identificam com elas, ou ainda como as harmonizam ou as separam (HUYNH; NGUYEN; BENET-MARTÍNEZ, 2011, p. 828).

Ao considerar que as identidades não podem ser entendidas de forma separada, pois foram constituídas de forma integrada, foram criadas tipologias para ajudar a compreender como as identidades se manifestam e são negociadas (HUYNH; NGUYEN; BENET-MARTÍNEZ, 2011, p. 829). Dentre várias propostas existentes na literatura, tomamos para a discussão neste estudo as seguintes tipologias: a integração das culturas em um indivíduo bicultural pode ser entendida a partir da maneira como se “misturam” (em contrapartida a como se “compartimentalizam”), na qual se verifica se há sobreposição das identidades. Por exemplo, um indivíduo que internaliza as culturas portuguesa e brasileira pode se identificar um luso-brasileiro ou um português no Brasil, dependendo como se dá a “mistura” ou a “compartimentalização”. Uma segunda tipologia procura compreender como as culturas se “harmonizam” (em contrapartida a como entram em “conflito”), procurando identificar a tensão entre as identidades, que pode ocorrer de forma harmoniosa, quando o indivíduo tem a percepção positiva das duas culturas, ou conflituosa, quando não há compatibilidade entre as culturas e o indivíduo não se identifica com nenhuma delas (BENET-MARTÍNEZ; HARITATOS, 2005, p. 1020; HUYNH; NGUYEN; BENET-MARTÍNEZ, 2011, p. 830). É importante ressaltar que esse processo de construção identitária bicultural é complexo e não ocorre de forma unitária, mas sim a partir de componentes independentes (HUYNH; NGUYEN; BENET-MARTÍNEZ, 2011, p. 830).

Este artigo tem como objetivo apresentar quais elementos da cultura polonesa e da brasileira foram transmitidos e como influenciaram a construção da identidade bicultural em uma família estabelecida no Brasil, em uma cidade sem diáspora.

## **2. Percurso para a obtenção de dados**

Este estudo faz parte do projeto guarda-chuva “Comida de cá e de lá: processos migratórios e alimentação”<sup>4</sup>, no seu eixo sobre “Memória alimentar e transmissão transgeracional”. Neste estudo foram entrevistados três irmãos – uma mulher e dois homens, atualmente vivendo no Brasil –, representando a segunda geração de filhos de migrantes poloneses que chegaram ao país entre 1940 e 1945.

---

<sup>4</sup> O estudo foi aprovado pelo Comitê de Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob parecer n. 1.626.264/2016.

O estudo de natureza qualitativa valeu-se do método das narrativas para obtenção dos dados de pesquisa. O uso das narrativas permite compreender a concepção e o comportamento a partir da perspectiva dos sujeitos investigados. A forma como se relata a vida cotidiana reflete os fatores que influenciam o comportamento, e a narrativa se torna, então, uma forma de expressar e compartilhar a experiência. O estudo de narrativas de experiências de vida e das memórias dos entrevistados nos possibilita identificar padrões culturais, estruturas sociais, processos históricos, fluidez do processo de identidade e os limites culturais de mudança e resistência, bem como o impacto na vida do narrador (BOSI, 2003; PORTELLI, 1997).

As entrevistas para a obtenção das narrativas seguiram um roteiro norteador, com questões abertas sobre a trajetória migratória dos pais, as escolhas e as práticas alimentares pessoais e familiares ao longo do curso da vida, e foram realizadas pessoalmente ou por Skype<sup>5</sup>. As entrevistas aconteceram entre 2016 e 2019, foram gravadas e depois transcritas integralmente. Para este estudo, foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados, garantindo dessa forma o anonimato e a preservação das identidades dos participantes da pesquisa, conforme exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

O material transcrito foi analisado seguindo as etapas da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016; MINAYO, 2012). As entrevistas foram transcritas, lidas e depois codificadas. Os códigos que emergiram a partir da fala dos participantes foram categorizados com base nos temas recorrentes. As análises foram feitas a partir da interpretação dos resultados, que levou em consideração os contextos, os significados e os eventos conforme relatados. No primeiro momento foram analisados os cenários, o conteúdo e os pontos de vista apresentados nas narrativas de cada participante, a fim de compreender sua história pessoal e os contextos sociais aos quais pertencem. No segundo momento, as narrativas dos participantes foram agregadas para construir um panorama social do contexto familiar (BATES, 2004, p. 17).

---

<sup>5</sup> Por meio dessa ferramenta virtual, as chamadas foram feitas com áudio e vídeo, o que facilitou o contato entre entrevistado e entrevistador. As entrevistas foram agendadas em horário acordado com os participantes e com gravação do áudio para posterior transcrição.

### 3. Resultados e discussão

A partir da análise de conteúdo foram identificados três núcleos temáticos: “trajetória migratória”; “biculturalismo” e “tradições e rituais alimentares e a identidade polonesa”.

#### 3.1. Trajetória migratória

Nesse núcleo, apresentamos a trajetória migratória dos pais e os participantes deste estudo. Os entrevistados nasceram no Brasil entre 1954 e 1962. As identidades desses indivíduos foram construídas a partir de universos culturais diferentes dos pais, no entanto, as referências culturais do país de origem, dentre elas, as alimentares, foram elementos importantes nesse processo.

Os pais fugiram da Europa durante e após a Segunda Guerra Mundial, respectivamente, e chegaram ao Brasil com 12 e 24 anos de idade. Mais tarde, conheceram-se e casaram-se no Rio de Janeiro, mas logo depois se estabeleceram em uma cidade no estado de São Paulo, na qual não existia uma comunidade diaspórica polonesa. A avó e a tia-avó eram bem presentes, passando períodos com a família, e, em casa, a língua falada era o polonês.

A primeira filha, Dorota, nasceu em 1953 no Rio de Janeiro e, logo após seu nascimento, a família se mudou para o estado de São Paulo. Durante a adolescência fez intercâmbio, durante seis meses, nos Estados Unidos. Em 1970 mudou-se da casa da família para estudar em outra cidade e passou a morar em um pensionato, onde comia “o que tinha”. Em 1973, ela se casou com um belga e, nos anos seguintes, teve três filhos. Ela costumava cozinhar em casa antes do casamento e era bastante habilidosa na cozinha quando conheceu o marido, muitas vezes fazendo receitas que aprendera com a avó polonesa. No entanto, a alimentação do dia a dia em sua casa era composta pelo tradicional “arroz e feijão” brasileiro. A partir de 2011, devido à saúde em declínio de seus pais, Dorota assumiu progressivamente a responsabilidade de manutenção das tradições familiares, principalmente na Páscoa e no Natal. Isso implicava cozinhar e servir pratos que faziam parte das celebrações da família há muitos anos.



Piotr, segundo filho, nasceu em 1957. Durante a infância, teve contato com a culinária polonesa, pois sua avó e sua tia-avó conviviam com a família e cozinhavam muitas comidas típicas<sup>6</sup>. Durante a adolescência, viveu por oito meses nos Estados Unidos com seus tios poloneses. Após retornar ao Brasil, mudou-se de cidade para estudar e, nesse período, não tinha o costume de cozinhar, pois não tinha tempo e não sabia cozinhar muito bem. Em 1981, Piotr casou-se com uma filha de imigrantes também europeus, com quem teve três filhas. Por questões de trabalho, Piotr foi transferido para a Bélgica, onde viveu, sem a família, por alguns meses, retornando em seguida ao Brasil.

Jan nasceu em 1961 e é o terceiro filho. Embora ele tenha tido algum contato com pratos poloneses, lembra-se do arroz e do feijão como os alimentos do dia a dia durante a infância. Como seu irmão, também morou por oito meses nos Estados Unidos. A partir de 1978, passou a morar sozinho pela primeira vez. Foi quando teve suas primeiras experiências na cozinha e preparava principalmente macarrão, arroz, carne e “qualquer coisa, menos vegetais”. Em 1987, Jan casou-se com uma brasileira, e os dois tiveram três filhos. Em casa, o arroz e feijão continuaram sendo os alimentos do dia a dia. Em 1997, Jan e sua família mudaram-se para a Espanha por um ano e meio. Lá, tiveram contato com uma nova cultura alimentar, e algumas preparações foram incorporadas ao repertório familiar.

As comunidades diaspóricas têm importante influência na forma como os migrantes se relacionam com seus locais e culturas de origem, assim como na experiência de integração no país de acolhimento (RABIKOWSKA, 2010; BIELEWSKA, 2011). Por exemplo, estudos sobre comunidades de origem polonesa no sul do Brasil (GRECHINSKI; CARDOZO, 2008; TELEGINSKI, 2016) identificaram que as práticas culinárias da Europa Central e Oriental introduzidas no Brasil por migrantes são transmitidas às gerações descendentes, tornando-se parte dos hábitos alimentares em uma região (um exemplo é o Paraná, que se caracterizou por receber uma grande diáspora polonesa). No entanto, os participantes deste estudo cresceram em um contexto sem a influência da diáspora. Este aspecto do isolamento de outros imigrantes nos permitiu entender melhor os esforços e as negociações que foram feitas para a manutenção da identidade polonesa (JUZWIAK; JUZWIAK; JUZWIAK, 2018, p. 2).

---

<sup>6</sup> O termo “comida típica”, que adotamos, refere-se aos ingredientes, às formas de manipulação, às técnicas de cocção, às representações e às práticas mais comumente adotadas no cotidiano de um grupo social e que trazem uma percepção da alimentação do “outro” (BARBOSA, 2007, p.93; WOORTMANN, 2007, p. 180; GUERRERO; GUÀRDIA; XICOLA *et al.*, 2009).

### 3.2. Biculturalismo

No núcleo temático “Biculturalismo” foi possível estabelecer três categorias para discutir as formas como o biculturalismo se manifesta nos entrevistados: “ser ou não polonês”; “comida de lá e de cá”; “trajetórias e redes sociais”.

#### 3.2.1. “Ser ou não polonês”

Ao analisar as falas dos narradores, foi possível identificar a forma como eles demonstram o dualismo no sentimento de pertencimento e o processo de se reconhecer:

[...] me sinto brasileiro, sou brasileiro e me sinto polonês. É um problema de identidade. Eu não sei se é um problema. É um problema se sentir bem em ambos ambientes. É uma vantagem, eu acho. Eu me sinto bem aqui e lá. (JAN)

Nessa categoria, as falas demonstram como os narradores se identificam em relação a si mesmos. Jan demonstra, em sua narrativa, como sua identidade bicultural é flexível, sendo possível harmonizar as duas culturas dependendo da situação, percebendo isso, finalmente, como algo positivo. Indivíduos biculturais têm a capacidade de negociar e gerenciar suas diferenças culturais. Essas mudanças estão relacionadas às formas como esses indivíduos experienciam as diferentes culturas. Dessa forma, as experiências positivas ou negativas das culturas podem ajudar a determinar de que forma a identidade é flexibilizada (CHENG; LEE, 2013, p. 2).

Entretanto, essa identidade é influenciada não somente pela maneira como se percebem, mas também como são percebidos pelos outros, o que pode reforçar a percepção de pertencimento ou não:

[...] Me considero brasileiro de nascimento e educação e o lugar que nasci e cresci... Mas meus apelidos na escola sempre foram “gringo” ou similar, eu não era identificado como local. (JAN)

Um fator importante identificado na construção da identidade bicultural é a língua, que funciona como mais um elemento que permite que os sujeitos se reconheçam entre dois

grupos sociais diferentes, ao mesmo tempo que podem se sentir diferentes (GROSJEAN, 2015, p. 580). Nesse caso, os participantes deste estudo se apresentam como biculturais e bilíngues fluentes, sendo o polonês a língua falada em casa diariamente, embora sem o conhecimento da leitura/escrita. Ainda que não tenham crescido em uma comunidade diaspórica polonesa, a língua foi um importante marcador da identidade polonesa para eles.

[...] quando eu tinha cerca de quatro anos, eu descobri que a língua que falávamos em casa não era uma língua só familiar... Depois, minha mãe explicou que havia um país chamado Polônia e que as pessoas lá falavam polonês e que eu, de alguma forma, pertencia a este povo também. (DOROTA)

As redes sociais de apoio e as formas como os sujeitos se relacionavam com outros grupos se mostra fundamental para a construção bicultural da identidade, novamente com a língua se apresentando como o elemento marcador.

[...] em realidade, quando nascemos, eu e meus irmãos falávamos muito polonês em casa, então nós éramos um pouco diferentes das pessoas normais, mas nós éramos também membros de um clube (social/esportivo), no qual havia muitas crianças estrangeiras também... Cada um falava sua própria língua. Entre nós falávamos polonês e com os outros falávamos português, que era a língua normal, a língua comum. (PIOTR)

A língua portuguesa tornou-se uma espécie de língua franca entre essa comunidade estrangeira, aproximando esses indivíduos em sua multiplicidade. No entanto, no processo de construção identitária, os narradores adquiriram os valores, a cultura e a língua tanto polonesas quanto brasileiras.

[...] no final, nós interagíamos, não me achava diferente... Falávamos outras línguas por causa de nossa origem, mas não por causa disso éramos menos brasileiros. (PIOTR)

### **3.2.2. “Comida de cá e de lá”**

Assim como a língua, a alimentação é um importante fator na manutenção e na transmissão da cultura e das tradições, tendo um papel fundamental para a construção de sentimento de comunidade e para a construção identitária (ŻARSKI, 2013, p. 150). Para

indivíduos biculturais, esse processo se torna mais complexo, uma vez que eles estão expostos a duas culturas alimentares distintas.

[...] nós comíamos arroz e feijão todos os dias. Nós gostamos de batata, mas substituímos por purê, mandioquinha, comíamos mandioca, acho que abrasileiramos bastante. (DOROTA)

[...] Comíamos a comida normal: arroz, feijão, na Polônia nem existe (PIOTR).

A adoção do arroz e do feijão deu-se pela facilidade de encontrar os ingredientes. No entanto, eles apontam que a comida brasileira “normal” era preparada com adaptações.

[...] talvez seja o tempero polonês. Por exemplo, o ‘smak’ [sabor] era polonês... Havia ‘majeranek’<sup>7</sup> para temperar o porco. Portanto, o sabor era polonês. (DOROTA)

[...] tínhamos acesso a um pouco mais de comidas diversas. Um toque brasileiro, mas também um toque polonês. (PIOTR)

Enquanto, no cotidiano, o arroz e o feijão, assim como a organização e os horários das refeições, respeitavam o sistema brasileiro, pratos poloneses eram preparados, principalmente, pela avó e pela tia-avó.

[...] na época que minha tia-avó e avó moraram em casa, todos gostavam de cozinhar e cozinhavam comida polonesa, não somente comidas especiais, mas comidas do dia a dia. Às vezes havia batata, purê, chips... que é típico da Polônia... zrazy nelsońskie<sup>8</sup>, pepinos em conserva que minha avó fazia, tínhamos muitos tipos diferentes de comidas que não eram normais. (PIOTR)

O papel matriarcal no processo de manutenção das receitas e tradições polonesas na família mostra-se central. Tanto a mãe como a tia-avó e a avó tiveram papel fundamental na construção identitária a partir da inserção de tradições e pratos típicos poloneses na alimentação dos filhos. Graff (2003, p.105) aponta que os processos históricos e religiosos da construção nacional da Polônia permitiram que as mulheres ocupassem esses papéis que caracterizam uma sociedade matriarcal. Janowski (2013, p. 332) demonstra que as memórias

---

<sup>7</sup> Manjeriço.

<sup>8</sup> Prato de carne com molho de creme leite fresco, cogumelos secos e batata.

alimentares são centrais para a manutenção da memória do país de origem, especialmente para as mulheres polonesas, uma vez que elas assumem o papel de prover a alimentação para a família, dando um caráter de sentimento de ser polonês, ser mulher polonesa, a *Polka*.

Żarski (2013, p. 150) aponta que as formas de produzir e consumir a comida são resultantes de processos históricos e socioculturais específicos, portanto, busca-se criar e manter as condições necessárias para o desenvolvimento de elementos que estabeleçam redes de sociabilidade.

### 3.2.3. Trajetórias pessoais e redes de apoio

As trajetórias individuais e as redes sociais são elementos que contribuem para a construção de novas práticas e experiências alimentares. Todos os participantes tiveram em suas trajetórias experiências que os levaram a conhecer e a ter contato com outras influências além da polonesa e da brasileira.

No caso dos participantes, desde a infância essas redes se apresentaram como elementos importantes.

[...] então, nós [referindo-se a todas crianças estrangeiras do clube social/esportivo] até ficávamos, um pouco, assim dizendo, em uma bolha isolada dos brasileiros, mas quando começamos na escola começamos a interagir e foi normal. Nós éramos sempre vistos como estrangeiros, mas nós interagimos com todos normalmente sem qualquer problema. (PIOTR)

As redes sociais de apoio e a comunidade mostram-se importantes para indivíduos biculturais, uma vez que, nelas, esses indivíduos podem buscar suporte nessas comunidades (REPKE; BENET-MARTÍNEZ, 2018, p. 17).

Experiências como viver em outros países, viver sozinho, casar-se e constituir família geraram modificações nos hábitos e nas práticas alimentares.

[...] Eu cozinheiro... Nos últimos 10-15 anos é mais italiana... Mas é uma mistura. Você reconhece o prato como italiano, mas você identifica sabores que não são tão italianos. (DOROTA)

[...] Hoje posso dizer que não fazemos pratos tipicamente poloneses. Tem o “bigos”<sup>9</sup> que [a esposa] faz anualmente... (PIOTR)

Cada um dos filhos demonstra manter o sentimento de pertencimento que se apresenta em diferentes graus e a partir de diferentes elementos. Assim como a presença de outras influências aparece nas práticas alimentares mantidas atualmente.

A adoção do referencial teórico do biculturalismo possibilita a compreensão das tensões e dos conflitos de valores culturais, atitudes e expectativas internas de cada sujeito e suas experiências (BENET-MARTÍNEZ; HARITATOS, 2005, p. 1017). No entanto, vale salientar que é necessário um olhar mais ampliado e interdisciplinar sobre a pluralidade cultural dos entrevistados e a complexidade das relações sociais que envolvem sua relação com a comida, assim como o entendimento de outras práticas e tensões identitárias que emergem. Suas identidades, que se constituem social, histórica e culturalmente, e são fortemente interiorizadas, ao incorporarem elementos de outras culturas alimentares, mostram-se fluídas e flexíveis, apresentando-se neste estudo, em um complexo e constante diálogo intercultural (HALL, 2006).

### **3.3. Tradição e rituais alimentares e a identidade polonesa**

Apesar da adoção de uma alimentação caracteristicamente brasileira no cotidiano, a comida polonesa, cercada de rituais, é protagonista nas datas especiais, principalmente nas festas católicas (Natal e Páscoa), caracterizando tradições étnicas, religiosas e familiares. Pratos específicos poloneses eram preparados em celebrações específicas ou em reuniões familiares.

[...] E eu me lembro dela fazendo nos Natais, porque o Natal era a festa. Páscoa e Natal sempre foram rituais grandes aqui em casa, então, tinha comidas especiais nessas épocas. E as comidas se repetiram por anos, era sempre a mesma coisa... Então ela [avó] fazia o sernik<sup>10</sup> na Páscoa, fazia todas as tortas de nozes e coisas no Natal e isso eu me lembro bem dela na cozinha e da gente, crianças na cozinha tentando ajudá-la e ela explicando e falando, assim que faz, assim que... (DOROTA)

---

<sup>9</sup> Ensopado com chucrute, carnes e cogumelos secos.

<sup>10</sup> Bolo de queijo.

No entanto, as preparações foram sofrendo adaptações: por exemplo, o prato principal de peixe, servido quente na Polônia na véspera de Natal, que acontece durante rigoroso inverno, foi substituído por salmão e camarão em adaptação ao clima de verão do período natalino brasileiro. Produtos não encontrados no Brasil (por exemplo, o arenque – *sledź* – e os cogumelos secos) eram trazidos às vezes por amigos ou parentes sempre que possível (JUZWIAK; JUZWIAK; JUZWIAK, 2018, p. 11).

A memória das receitas foi se perdendo ao longo do tempo, as técnicas de preparações usadas atualmente demonstram que as receitas foram adaptadas e modificadas ao gosto familiar ou adaptadas em decorrência de outros fatores, como dificuldades em encontrar os ingredientes, preparações trabalhosas, e diferenças climáticas entre os países de origem e de acolhimento (JUZWIAK; JUZWIAK; JUZWIAK, 2018, p. 14).

Porém, outras práticas foram mantidas, como ter um prato extra à mesa caso algum convidado inesperado surgisse durante a ceia de Natal, começar o jantar quando a primeira estrela estivesse visível no céu e não consumir carne (apenas peixe), partilhar a hóstia benta para os votos de Feliz Natal e fazer o brinde com vodca. Dessa forma, é perceptível que as tradições polonesas estão presentes em rituais específicos, que, de muitas formas, estão diretamente ligados ao comer.

Para além dos alimentos, outros elementos reforçam a importância desses momentos para a família.

[...] é mais o ambiente. O cheiro da cozinha, as pessoas conversando na cozinha preparando os pratos. (DOROTA)

O papel matriarcal da manutenção das tradições é explícito na fala de Dorota, que se preocupa sobre como e quem manterá essas tradições vivas.

[...] toda a preparação começava uma semana antes. Pra fazer os bolos, os biscoitos, a gente fazia tudo na época, antes de cada um trazer uma parte. A mamãe e minha vó faziam tudo aqui em casa. Então começava uma semana antes e cozinhava, cozinhava. Estava todo mundo sempre dentro da cozinha (Dorota).

Estudos realizados com outras comunidades polonesas também apontam a importância da alimentação para a manutenção da identidade polonesa (RABIKOWSKA, 2010; ALDER, 2015; TELEGINSKI, 2016). Alder (2015, p. 205), ao estudar poloneses que

migraram para a Inglaterra durante e após a Segunda Guerra Mundial, conclui que a comida é um aspecto importante na cultura polonesa, junto à religião e à língua, e tem papel central para a primeira geração. No entanto, o envolvimento com aspectos da cultura polonesa diminui significativamente a cada geração, sendo que a comida passa a ser a expressão mais forte e frequentemente o único elemento relacionado à identidade polonesa na segunda e na terceira gerações.

#### **4. Considerações finais**

Este estudo permitiu identificar que elementos essenciais da cultura polonesa foram mantidos na segunda geração de filhos de imigrantes poloneses vindos para o Brasil, mesmo em uma cidade na qual não havia presença de uma comunidade diaspórica. Os principais elementos observados foram a língua polonesa, que foi ensinada e adotada como língua principal da família, e as comidas, tradições e rituais que eram praticados em datas e ocasiões especiais, principalmente em datas religiosas (Natal e Páscoa).

A manutenção das receitas e dos rituais foi possível devido ao esforço dos pais, que organizavam momentos que estimulavam a realização dessas práticas e da comensalidade. O papel das mulheres na família pode ser destacado, uma vez que foram elas que tomaram para si, como dever, esse papel de transmitir e ensinar as práticas culturais e alimentares para a geração seguinte.

As trajetórias pessoais, os processos migratórios e as redes sociais se mostram fundamentais para compreender as práticas alimentares dos entrevistados. O estudo permitiu observar que as influências dos cônjuges e as experiências em outros países agregaram novas práticas e novas ressignificações às formas de comer.

O sentimento de duplo pertencimento ainda permanece na segunda geração. A identidade bicultural pode ser identificada a partir das narrativas, mesmo que em diferentes formas e graus, sendo marcada predominantemente pela harmonia entre as culturas às quais os participantes foram expostos e refletida em negociações culturais alimentares, que envolvem o esforço em manter as comidas, as tradições e os rituais poloneses. Neste sentido, as práticas alimentares e a língua transmitidas pelos pais foram importantes aspectos na formação da identidade desses indivíduos.



## Referências

- ALDER, Joanna. Expressions of Diasporic Identity: Travel and Food as Signifiers of Polish Identity. **Tourism, Culture & Communication**, v. 15, n. 3, p. 205-214, 2015.
- BARBOSA, Livia. Feijão com arroz e arroz com feijão: o brasil no prato dos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 87-116, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BATES, Jessica A. Use of Narratives Interviewing in Everyday Information Behavior Research. **Library & Information Science Research**, v. 26, n. 1, p. 15-28, 2004.
- BENET-MARTÍNEZ, Verónica; HARITATOS, Jana. Bicultural Identity Integration (BII): Components and Psychosocial Antecedents. **Journal of Personality**, v. 73, n. 4, p. 1015-1049, 2005.
- BIELEWSKA, Agnieszka. The Settlement Patterns of Polish Immigrants in Manchester in the Context of Move from Modern to Postmodern Understanding of Place. **Geographia Polonica**, v. 84, n. 2, p. 19-32, 2011.
- BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 59-67.
- CHENG, Ch-Ying; LEE, Fiona. The Malleability of Bicultural Identity Integration (BII). **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 44, n. 8, p. 1-6, 2013.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.
- CURTIS, Penny; ALLISON, James; ELLIS, Katie. "She's Got a Really Good Attitude to Healthy Food... Nannan's drilled it into her": Intergenerational Relations within Families. In: JACKSON, Peter (ed.). **Changing Families, Changing Food**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009.
- DAURE, Ivy; REVEYRAND-COULON, Odile. Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 415-429, 2009.
- DVORAK, Anna Katherine. **A Hidden Immigration: The Geography of Polish-Brazilian Cultural Identity**. Dissertation (Doctor of Philosophy in Geography) – University of California. Los Angeles, 2013.

- GRAFF, Agnieszka. Lost Between the Waves? The Paradoxes of Feminist Chronology and Activism in Contemporary Poland. **Journal of International Women's Studies**, v. 4, n. 2, p. 100-116, 2003.
- GRECHINSK, Paula Turra; CARDOZO, Poliana Fabíula. A gastronomia eslava em Irati como possibilidade de atrativo turístico. **Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 6, n. 2, p. 361-375, 2008.
- GROSJEAN, François. Bicultural bilinguals. **International Journal of Bilingualism**, v. 19, n. 5, p. 572-86, 2015.
- GUERRERO, Luis; GUÀRDIA, Maria Dolors; XICOLA, Joan *et al.* Consumer-driven Definition of Traditional Food Products and Innovation in Traditional Foods. A Qualitative Cross-Cultural Study. **Appetite**, v. 52, n. 2, p. 345-354, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUYNH, Que-Lam; NGUYEN, Angela-MinhTu D.; BENET-MARTÍNEZ, Verónica. Bicultural Identity Integration. *In*: SCHWARTZ, Seth J.; LUYCKX, Koen; VIGNOLES, Vivian L. (ed.). **Handbook of Identity Theory and Research**. Nova York: Springer-Verlag, 2011, p. 827 - 842.
- JANOWSKI, Monica. Food in Traumatic Times: Women, Foodways and 'Polishness' During a Wartime 'Odyssey'. **Food and Foodways**, v. 20, n. 3-4, p. 326-349, 2012.
- JUZWIAK, **Claudia Ridel**; JUZWIAK, **Teressa**; JUZWIAK, Victor Ridel. From potato to rice and beans: memory and Polish culinary tradition throughout three generations. **Anthropology of food**, special edition n. 12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aof.9142>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- JUZWIAK, Teressa. **São Paulo, Brazil, a case study from**: Migrant and Refugee Integration in Global Cities. The Role of Cities and Business. Haia: The Hague Process on Refugees and Migration, 2014.
- LEVY, Maria Stella Ferreira. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública**, v. 8, suppl., p. 49-90, 1974.
- MALCZEWSKI, *Zdzisław*. Os poloneses e seus descendentes no Brasil: esboço histórico e situação atual da colônia polonesa no Brasil. **Polonicus: Revista de Reflexão Brasil-Polônia**, 2016. Disponível em: <http://www.polonicus.com.br/site/historia.php>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2012

- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, 1997.
- RABIKOWSKA, Marta. The Ritualisation of Food, Home, and National Identity among Polish Migrants in London. **Social Identities**, v. 16, n. 3, p. 377-398, mai. 2010.
- REPKE, Lydia; BENET-MARTÍNEZ, Verónica. The (Diverse) Company You Keep: Content and Structure of Immigrants' Social Networks as a Window into Intercultural Relations in Catalonia. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 49, n. 6, p. 924-944, jun. 2018.
- TELEGINSKI, Neli Maria. **Sensibilidades na cozinha**: a transmissão das tradições alimentares descendentes de imigrantes poloneses no Centro-Sul do Paraná, século XX. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.
- WILLIAMS, Katarzyna Kwapisz. Life Narratives, Common Language and Diverse Ways of Belonging. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 16, n. 2, p. 1-19, 2015.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata (org). **A agricultura familiar à mesa**. Saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 177-196.
- ŻARSKI, Waldemar. Culinary Identity as the Determinant of Cultural Distinctiveness in Silesia and the Vilnius Region. In: LAINESTE, Liisi; BROZOZOWSKA, Dorota; CHLOPICKI, Władysław (ed.). **Estonia and Poland: Creativity and Tradition in Cultural Communication**. V. 2: Perspectives on National and Regional Identity. Tartu: ELM Scholarly Press, 2013, p. 147-160. Disponível em: <http://www.folklore.ee/pubte/eraamat/eestipoolaz/>. Acesso em 29 jul. 2020.